

Senhores Vice-Reitores  
Senhores Membros do Conselho Geral e do Senado  
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra  
Senhor Presidente do Tribunal da Relação de Coimbra  
Senhor Comandante da Brigada Ligeira de Intervenção  
Excelência Reverendíssima Senhor D. Virgílio, Bispo de Coimbra  
Senhor Reitor Fernando Rebelo, que hoje nos apresentará a sua oração de sapiência  
Senhor Presidente da Direção Geral da Associação Académica de Coimbra  
Senhores Doutores  
Caros Antigos Estudantes  
Caros Estudantes e Funcionários  
Senhores Jornalistas  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Permitam-me em primeiro lugar deixar uma palavra de reconhecimento ao Dr. Luiz Goes, grande vulto da canção de Coimbra e nosso antigo estudante, que nos deixou ontem. Expresso aqui, em nome da Universidade, sentidas condolências à família.

#### [I - A situação atual]

Portugal já passou por momentos piores do que os atuais: a fome e a morte durante as grandes guerras do século XX, a noite de chumbo do Estado Novo e da guerra colonial, a guerra civil e as invasões francesas no século XIX, a perda de independência no final do século XVI e a guerra para a recuperar no século XVII, o garrote da inquisição dos séculos XVI ao XVIII, as pestes recorrentes na Idade Média, entre muitos outros.

Sobreviveremos também a esta crise, bem menor que essas outras. Portugal é um país de resistentes. Somos um povo que muitas vezes não se sabe governar, ou não teríamos chegado a esta situação, mas que sempre consegue descobrir a energia que lhe permite sair rijo da tempestade.

Quero por isso renovar a palavra simples que vos quis trazer quando tomei posse: o otimismo. Creio firmemente que a Universidade de Coimbra, graças ao intenso trabalho de todos, sairá reforçada desta crise.

Há, no entanto, um grave perigo que paira sobre nós: o envelhecimento. Uma Universidade é, em primeiro lugar, as pessoas que a compõem, e nenhum reitor pode assistir, sem manifestar a sua indignação, à progressiva degradação dos salários dessas pessoas. Mas também não pode assistir ao envelhecimento do seu corpo de professores, por indisponibilidade financeira para contratar tantos jovens brilhantes que ficam no desemprego. Estes jovens podem contribuir decisivamente para o avanço do conhecimento, a única verdadeira esperança para Portugal criar a riqueza necessária para sair da crise, e nós estamos a deixá-los inativos, ou a levá-los a emigrar contra a sua vontade.

A crise que nos colocou nesta situação é-nos inteiramente exterior. A Universidade de Coimbra, como outras universidades portuguesas, não tem dívidas nem pagamentos em atraso. No entanto, por sermos tão profundamente afetados por ela, sinto a obrigação de, em defesa da instituição que represento, me pronunciar sobre a origem da crise e sobre a forma de a debelar.

É neste contexto que pretendo realçar hoje duas propostas que reputo de centrais para a compreensão e resolução da crise. Não são inéditas mas, no meu entendimento, não têm tido a atenção prioritária que deveriam ter. Não quero produzir, como tantos, apenas uma declaração de oposição ao que está a ser feito por causa da crise: quero apresentar propostas concretas.

Em primeiro lugar, penso que é necessário definir melhor os limites do mandato dos nossos governantes. Sendo eleitos apenas pela geração atual, entendo que os Governos não estão mandatados para gastar o dinheiro das gerações futuras. Muitos dos jovens que sofrem os terríveis níveis de desemprego atual, e continuarão a sofrer no futuro próximo, nem sequer ainda tinham direito de voto quando foram tomadas muitas das decisões que nos levaram a esta situação. Tem de haver um limite ao que os governos podem pedir emprestado. A Constituição da República Portuguesa, garante da nossa liberdade e da nossa soberania, que por causa disso estabelece tantos limites à ação dos Governos, tem de conter também balizas para o endividamento, pois neste momento nada limita mais a nossa soberania, a nossa capacidade de escolher o nosso destino, a nossa liberdade, do que o peso sufocante da dívida. A Constituição tem de nos proteger da dívida excessiva, tal como nos protege de tantos outros abusos de poder.

A segunda proposta é mais profunda. A estrutura de impostos em Portugal tem de começar a mudar.

A recente decisão do Tribunal Constitucional de declarar inconstitucional o corte dos subsídios salariais na função pública, "por violação do princípio da igualdade", convoca-nos para a discussão do que poderá ser uma distribuição justa do peso da dívida.

Sendo a matéria em apreço de nível constitucional, importa lembrar que o objetivo último da organização da sociedade é permitir a todos viver com dignidade, quer agora quer no futuro. Nos tempos atuais poucas circunstâncias comprometem mais esse objetivo do que o desemprego, que leva à falta dos recursos mínimos indispensáveis a essa dignidade.

Recuso por isso que a discussão sobre a distribuição do peso da dívida se reduza à discussão da sua repartição entre os salários do setor público e os salários do setor privado. Temos sim de encontrar mecanismos que retirem esse peso dos rendimentos do trabalho, parando e até invertendo o crescimento da carga fiscal sobre os salários. Se os custos com as pessoas são muito elevados, todas as instituições e empresas vão tentar ter o mínimo de pessoas, e ninguém as pode censurar por isso. É uma questão de sobrevivência. A carga fiscal muito elevada sobre o emprego é causa direta de desemprego.

Reconheço que, em tempo de crise, não se pode pedir ao Estado para prescindir de receita. No meu entendimento há duas origens alternativas aos rendimentos do trabalho: os recursos naturais não renováveis e as transações financeiras. Vou debater apenas esta última pois não podemos esquecer que a origem primeira da atual crise é o descontrolo dos mercados financeiros, com a sua quase ilimitada capacidade para gerar especulação tóxica.

Defendo a introdução em Portugal de um imposto sobre as transações financeiras.

Não é uma ideia nova; já foi muitas vezes aplicada em vários países. Por exemplo, no Brasil foi um dos instrumentos centrais que permitiu sair da época de hiper-inflação do final do século passado e entrar no atual período de forte desenvolvimento.

Custa-me que em Portugal quase nunca se fale deste assunto, apesar de ser um importante motivo de discussão na Europa. Ainda agora uma sua versão bastante mitigada foi introduzida em França, e a chanceler alemã também a defende, como forma de financiar os mecanismos de estabilização financeira europeus. Uma variante particularmente conhecida foi proposta pelo já falecido Prémio Nobel da Economia James Tobin como forma de estabilização dos mercados cambiais, sendo por isso conhecida como "taxa Tobin".

A ideia é aplicar a todos os movimentos bancários um imposto muito baixo, por exemplo de apenas 1%. Pode parecer pouco, e é pouco de facto, mas o volume das transações bancárias diárias é tão elevado que mesmo uma taxa baixa geraria montantes relevantes. Portugal é um país

particularmente adequado para uma taxa deste tipo, pois tem um sistema bancário muito evoluído, e um sistema de pagamentos eletrónicos dos mais avançados e mais abrangentes do mundo. É um imposto muito simples, pois não envolve o preenchimento de declarações por parte dos cidadãos, e muito robusto contra evasões fiscais, pois quase todo o dinheiro passa pelos bancos. A maioria esmagadora do dinheiro, como é bem sabido, nunca chega a ter a forma de nota ou moeda, sendo apenas um valor que viaja entre contas bancárias.

Há muitas vantagens neste mecanismo. Em primeiro lugar, alarga muito a base tributária para além dos salários. Incide sobre todo o PIB e não apenas sobre os salários, que representam menos de metade do PIB. Acresce que o dinheiro movimentado na "economia informal" (há quem diga que corresponde a um adicional de cerca de 25% do PIB) também passa, em larga medida, pelos bancos, pelo que também essa economia passaria a ser tributada, gerando muito maior justiça social. Abrange ainda o capital especulativo, como aquele que é controlado por robots que fazem compras e vendas em alta velocidade para aproveitar as micro-oscilações dos mercados de câmbios e das cotações da bolsa. Ao perder uma parte do dinheiro especulativo em cada transação, mesmo que muito pequena, a especulação financeira inevitavelmente abrandaria e causaria muito menos estragos na economia real. Repare-se que um imposto de apenas 0,5% sobre as transações bancárias equivale aproximadamente ao corte de 7% nos salários do setor privado que foi agora anunciado pelo governo, pois a sua base de incidência é muito mais larga. É muito mais justo aplicar 0,5% a toda a gente do que 7% a apenas alguns.

Este novo imposto deve ser consignado ao pagamento da dívida. Assim, todo o dinheiro que por esta via é retirado do sistema financeiro é-lhe devolvido logo a seguir, atenuando muito a perturbação que a sua introdução poderia trazer.

A objeção principal que é apresentada a este tipo de imposto é a de que pode levar à fuga de capitais se for introduzido por um país isoladamente. A França, que acaba de o fazer, não parece ter esse medo, mas se for introduzido simultaneamente num conjunto grande de países é claramente melhor.

Permitam-me neste momento a reafirmação de um princípio. Nas palavras do nosso colega reitor da Universidade de Lisboa, António Sampaio da Nóvoa, no seu notável discurso do dia 10 de Junho deste ano, para os portugueses a Europa não é uma opção. É a nossa condição. Nós somos europeus, e só o podemos ser com muito orgulho, pois ter orgulho na Europa é ter orgulho em nós próprios. Eu tenho imenso orgulho em Portugal, nestas gentes que são as minhas gentes, com quem quero viver e junto de quem desejo morrer em paz, quando for a hora.

Penso que Portugal deve estar na linha da frente da criação deste novo imposto multinacional, pois os enormes sacrifícios que estamos a aceitar dão-nos essa autoridade. Ser membro da União Europeia, e da zona euro, dá a Portugal a possibilidade de intervir nos locais onde estas decisões são tomadas.

As pessoas não podem continuar a ser a referência principal dos impostos.

Taxemos os robots, taxemos o dinheiro, libertemos as pessoas.

Aliviando os salários ajudamos também a evitar a perigosa espiral regressiva em que estamos mergulhados, em resultado da brutal redução do poder de compra dos portugueses.

A UC declara-se desde já disponível para ajudar a desenhar os mecanismos concretos para operacionalizar estas duas propostas.

## [II - A atividade da UC]

O ano que passou foi um ano com muitos resultados positivos para a Universidade de Coimbra, apesar do ambiente externo tão recessivo. Tal só foi possível graças à colaboração empenhada de docentes, não docentes e estudantes, num clima de paz e trabalho construtivo. Quero saudar muito em particular os diretores das Faculdades e restantes unidades orgânicas, sempre disponíveis para trabalhar com a equipa reitoral, quer na concretização dos objetivos da Universidade quer na resolução dos problemas que foram surgindo. É devida uma palavra de grande reconhecimento ao Dr. Artur Santos Silva, que deixou a presidência do Conselho Geral para assumir a direção da Fundação Calouste Gulbenkian, pela intensa, incansável e apaixonada ação que desenvolveu em prol da nossa Universidade.

Continuámos a brilhar na nossa missão central, a criação de conhecimento, que é o nosso desígnio mais estratégico. As grandes universidades distinguem-se em primeiro lugar pela qualidade da sua investigação. Quero mencionar alguns dos nossos pontos altos, mesmo sabendo que não me vai ser possível falar de todos.

Lançámos comercialmente os primeiros fármacos produzidos numa universidade portuguesa, através do Instituto de Ciências Nucleares Aplicados à Saúde, liderado pelo Professor Miguel Castelo Branco, da Faculdade de Medicina. É uma estrutura de nível mundial, que para além do equipamento PET para exames em humanos, passou a dispor também de equipamento para ressonância magnética nuclear, e em breve disporá de iguais capacidades para animais, dando à Universidade de Coimbra uma posição de incontestada liderança em Portugal, e de topo a nível mundial, para a investigação em inúmeras áreas das Ciências da Saúde e da Vida.

Iniciou a laboração no IParque uma empresa do grupo CUF que produz nanomateriais, a Innovnano, cujo processo de produção, radicalmente inovador pois é baseado em detonações controladas, resulta em aspetos decisivos da investigação em detónica liderada há muitos anos pelo Professor Andrade Campos, do Departamento de Engenharia Mecânica. É uma empresa que será, não tenho dúvida, rapidamente líder a nível mundial, e com a qual a UC vai trabalhar em conjunto na exploração de inúmeras vias de investigação que assim se nos abrem.

Saúdo o Doutor Lino Ferreira, investigador do Centro de Neurociências da Universidade de Coimbra, que obteve um financiamento de mais de 1 milhão de euros do European Reserach Council, o segundo da Universidade de Coimbra depois do conseguido há um ano pelo Prof. Boaventura de Sousa Santos.

O Centro de Apoio ao Desporto de Alto Rendimento da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física merece o nosso reconhecimento, pois as modalidades desportivas com mais sucesso na participação olímpica portuguesa deste ano, a canoagem e o remo, têm aí o seu suporte científico. Uma saudação especial é devida à nossa colega docente Beatriz Gomes pelo seu magnífico desempenho nas provas de canoagem.

O estudo de Fátima Velez de Castro, da Faculdade de Letras, refletindo sobre o papel decisivo da imigração na recuperação de zonas deprimidas, fornece pistas claras sobre um dos mecanismos mais importantes de luta, quer contra a desertificação do interior, quer contra o rápido envelhecimento a que Portugal está sujeito.

A equipa liderada pelo Professor da Faculdade de Farmácia Luís Pereira de Almeida conseguiu grandes avanços no desenho de uma via que pode permitir o tratamento de uma doença degenerativa até agora sem cura, a doença de Machado-Joseph.

Vasco Mantas e Alcides Pereira, do Departamento de Ciências da Terra, demonstraram pela primeira vez como as cinzas de vulcões submarinos podem ser um factor decisivo no desenvolvimento de microalgas em larga escala, dando uma contribuição importante para o nosso conhecimento da forma como a vida pode ter surgido na Terra.

A investigadora Ana Teixeira de Melo, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, desenvolveu e validou um modelo inovador capaz de obter bons resultados na avaliação e promoção da mudança em famílias multidesafiadas com crianças em perigo, abrindo caminhos de intervenção social particularmente importantes em épocas de risco como a que agora atravessamos.

A Faculdade de Economia, com particular realce para o seu Diretor, Professor José Reis, tem tido uma intervenção crescente na discussão dos problemas da economia nacional, em cumprimento pleno da obrigação que a Universidade tem de ajudar o país a encontrar caminhos de desenvolvimento.

Estes são apenas exemplos de entre muitos outros que poderiam ser citados.

Assinalo ainda que o número de doutoramentos completados na UC também está a aumentar rapidamente. Este ano deveremos ficar próximo de 300, cerca do dobro do ano passado.

Para reforçar a nossa capacidade tecnológica estamos a investir vários milhões de euros em novas plataformas tecnológicas, o Biomed deverá começar a ser construído no próximo ano, e estamos a diversificar o mais possível as nossas fontes de financiamento.

Entre muitas outras iniciativas em preparação, está em estado muito avançado uma parceria com diversas empresas agrícolas para a criação na UC de uma estrutura de caracterização, certificação e melhoria de plantas, com base em investimento privado, numa aposta da UC no sector agro-florestal, um dos objetivos a que nos propusemos no plano estratégico.

Quero ainda dar um destaque especial à recente aprovação, na Faculdade de Direito, dos Estatutos do Instituto Jurídico e, por essa razão, saudar a Faculdade na pessoa da sua Diretora Professora Anabela Rodrigues, pois trata-se de um passo decisivo para um efetivo reconhecimento da investigação que é feita na Faculdade, através da criação de um centro de investigação em Ciências Jurídicas financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

## Ensino

Na vertente ensino a atividade da Universidade de Coimbra tem também sido intensa. Tivemos bons resultados no concurso nacional de acesso, mais uma vez mostrando uma boa capacidade de vencer a desvantagem demográfica. Em época de crise é ainda mais difícil às famílias enviar os seus filhos para uma universidade afastada da sua residência e Coimbra é a universidade portuguesa com menos população à volta, por comparação com as vagas oferecidas.

Demos grandes passos na evolução da nossa oferta educativa. Os estudantes passaram a poder frequentar sem custos adicionais uma disciplina de qualquer outra área do conhecimento, dando uma flexibilidade sem precedentes ao seu percurso formativo. Os direitos especiais dos estudantes foram uniformizados em toda a universidade. Foi consensualmente aprovado o regulamento disciplinar e a carta de princípios dos estudantes da UC. A atribuição do estatuto de estudante integrado em atividades culturais na UC passou a ocorrer a partir do 2º semestre. Foi ainda aprovado um regulamento de cursos não conferentes de grau, abrindo caminho para um grande reforço da oferta pela UC de formação ao longo da vida. Temos além disso efetiva capacidade para oferecer cursos à distância, com uma equipa profissional de suporte que já apoiou muitas dezenas de cursos, inteiramente capaz de responder às solicitações de novos cursos por parte dos professores

da UC.

É ainda de assinalar o alargamento da utilização do Nónio a todas as faculdades, aumentando imenso a quantidade e qualidade da informação disponível para os estudantes, para os professores e para a administração, e para o processo de acreditação dos cursos. Passámos ainda, por exemplo, a ser capazes de emitir diplomas sem atrasos. Os suplementos ao diploma já são emitidos para em todos os cursos de 1º e 2º ciclo, e em breve também de 3º ciclo.

Tem para mim especial importância o grande impulso dado à efetiva concretização do Sistema de Gestão de Qualidade Pedagógica, acima de tudo na promoção de uma reflexão conjunta de todos os envolvidos em cada curso para identificar as oportunidades de melhoria e concretizá-las. Este movimento será aprofundado, pois é decisivo para que a nossa oferta educativa se diferencie ainda mais por uma qualidade que não teme escrutínios de qualquer tipo.

Uma palavra de agradecimento às Associações de Antigos Estudantes de Coimbra, que têm estado sempre disponíveis para colaborar com a sua Universidade. Saúdo a criação, há poucos dias, da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em S.Tomé e Príncipe.

#### Ligação ao exterior/transferência de conhecimento

Continuámos o nosso esforço intenso de criação de infraestruturas de interface da Universidade com a sociedade. Temos trabalhado em conjunto com o Instituto Pedro Nunes para a concretização do acelerador de empresas, o TecBiz, que está em fase adiantada de construção. Deverá também começar em breve a construção da segunda fase do Instituto de Tecnologias de Construção, e a construção do Laboratório de Ensaios de Fogos. O protótipo da casa modular "CoolHaven", barata e energeticamente eficiente, está construído no IParque e em breve deverá ser produzida e exportada. O reforço das ligações à Câmara Municipal de Coimbra, ao Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e à ARS Centro é estratégico e continua a desenvolver-se a bom ritmo.

Lideramos uma grande iniciativa de inovação que abrange uma boa parte da região centro, o projeto INOV.C, que tem um financiamento global de mais de 50 milhões de euros, e organizamos o maior concurso de empreendedorismo de Portugal, o Arrisca.C. Continuamos a gerar cerca de 10 empresas spin-off por ano, a maior parte alojadas na incubadora do IPN.

#### Internacionalização

A aposta da UC na internacionalização teve desenvolvimentos fantásticos. Em primeiro lugar com o Brasil. Somos atualmente a universidade do mundo, fora do Brasil, com mais bolseiros pagos pelo Governo Brasileiro. No ano letivo que agora começa serão quase mil. Somos o ponto focal para todo o Portugal na colocação de estudantes no âmbito do programa brasileiro Ciência sem Fronteiras, liderando nas preferências dos brasileiros e no número de colocados, quer neste programa quer no Programa de Licenciaturas Internacionais. O caminho aberto pelo Reitor Seabra Santos tem sido intensamente aproveitado e alargado pela atual equipa, num trabalho coeso com todos os setores da UC.

Lembra-se-ão alguns de vós que mencionei, na cerimónia de abertura solene do ano passado, que o vice-reitor Amílcar Falcão tinha de se ausentar no seu decurso para ir a Lisboa participar numa reunião sobre o programa Ciência sem Fronteiras, pois estávamos com receio de ficar de fora desse programa. Num ano, passámos da incerteza da participação para uma situação de clara liderança. É um orgulho pertencer a uma universidade assim.

Quero também realçar a colaboração já muito viva mas ainda extraordinariamente promissora que temos com a Universidade Nacional de Timor Lorosae no âmbito da língua portuguesa. Há um ano essa colaboração não existia, e agora estamos responsáveis por ensinar português a mais de 500 estudantes da UNTL, para além de coordenarmos o mestrado em língua e linguística portuguesa, e de estarmos a ter um papel crescentemente decisivo no Instituto Nacional de Linguística timorense. É devido aqui um reconhecimento aos principais artífices deste sucesso, a quem tenho dado todo o apoio: o vice-reitor Joaquim Ramos de Carvalho, o Diretor da Faculdade de Letras Carlos André e a coordenadora das relações entre a UC e Timor, Professora Isabel Poço Lopes.

Quero realçar algo de decisivo: este enorme desenvolvimento das relações com o Brasil e com Timor não envolve um só euro de financiamento do Estado Português. Ambos os programas são integralmente pagos por esses países, e é de crer que não o fariam se não os considerassem de grande qualidade e grande valor.

Outras grandes colaborações em países estrangeiros estão na forja, mas falaremos delas quando estiverem concretizadas.

### Outras atividades

Não é possível mencionar todas as áreas em que a nossa atividade se está a expandir, mas entendo dever referir algumas.

A imprensa da Universidade, sob a muito ativa liderança do Professor Delfim Leão, vai este ano bater por larga margem o record do número de livros publicados num só ano, dando continuidade à notável dinâmica imprimida pelo anterior Diretor, o Professor João Gouveia Monteiro. Mais importante ainda, está a lançar-se no mundo da publicação digital, através do projeto UC-Digitalis, que qualquer um dos presentes já pode consultar, onde já estão disponíveis em formato eletrónico mais de mil livros. Estamos a trabalhar intensamente para que esta base de dados digital se torne uma referência no mundo de língua portuguesa. Por outro lado, embora se tenha começado há bem menos de um ano, e o arranque demore sempre algum tempo, já estamos a vender livros no Brasil tendo recentemente ultrapassado o limiar do primeiro milhar de vendas.

A candidatura a património da humanidade da UNESCO continua com grande intensidade. Estamos a lançar um sem número de iniciativas para divulgar a candidatura, que continuarão a desenvolver-se nos próximos meses. Gostaria de aproveitar para vos convidar a todos para visitarem a exposição sobre este tema que vai ser inaugurada no próximo sábado, às 11:30, no Colégio de S. Bento, junto ao Jardim Botânico.

No circuito turístico estamos a conseguir aumentar o número de visitantes, e portanto a receita, em contraciclo com a recessão no turismo.

Na cultura, quero realçar o desenvolvimento da atividade do Teatro Académico de Gil Vicente, e principalmente a sua crescente ligação ao ensino relacionado com as artes performativas.

Continuamos a trabalhar intensamente para melhorar a sustentabilidade do desporto universitário em Coimbra, em particular do Estádio Universitário. Quero saudar a AAC pelo facto de, graças à sua ação, a Universidade de Coimbra ter ganho por dois anos consecutivos o prémio da melhor universidade europeia em desporto universitário.

Na comunicação é de realçar a consolidação da nossa televisão, a UCV, sendo de enaltecer o seu esforço em se tornar financeiramente auto sustentada, graças aos serviços que presta.

## Organização interna

Uma palavra é devida às dificuldades por todos sentidas no funcionamento da administração. A entrada prematura em funcionamento do Centro de Serviços Comuns, em Janeiro de 2011, coincidente com a dramática quebra de recursos financeiros que todos conhecem, tem tornado muito difícil atingir os necessários níveis de desempenho. Penso ser visível que estamos a melhorar, mas ainda não chega. Quero sublinhar o esforço notável dos colaboradores da administração para ir sucessivamente ultrapassando as dificuldades encontradas, e o particular empenho do novo administrador, o Dr. Jorge Tavares.

A estrutura e funcionamento da administração tem sido continuamente analisada, daí resultando frequentes ajustes a nível dos processos de trabalho, da definição das áreas de intervenção de cada setor, dos circuitos de troca de informação e da própria estrutura da administração. Tenho tido a preocupação de não gerar roturas e de consensualizar as mudanças para obter o máximo de adesão por parte de todos os envolvidos. No início de agosto foram feitas alterações à estrutura do Centro de Serviços Comuns, abrangendo os setores financeiro, de compras e de projetos. Outros setores serão reformulados mais tarde. Reconheceu-se que a separação entre as compras e os serviços financeiros era prejudicial, fundindo-se estes serviços. Para melhorar o suporte a projetos foi criado um serviço de apoio à elaboração de candidaturas a financiamento, a DAPI (Divisão de Apoio a Projetos de Investigação) e ajustado o âmbito do serviço de execução de projetos - a DPA - Divisão de Projetos e Atividades, que passou a tratar apenas da fase pós-contratual de projetos. Os primeiros resultados positivos já são visíveis, mas ainda demorará mais algum tempo até estarem inteiramente concretizados.

Quero reafirmar que, apesar destas dificuldades, a criação de uma administração comum era inevitável. Sem as poupanças que daí resultaram não teria sido possível absorver os cortes financeiros a que fomos sujeitos. É aqui devida uma palavra de agradecimento à anterior administradora, a Dra Célia Cravo, que deu o melhor da sua energia a esta difícil transformação.

Os Serviços de Ação Social da UC têm também sido sujeitos a grandes alterações com dois objetivos: atingir o equilíbrio financeiro e adaptar os serviços prestados à evolução do perfil dos estudantes. Foi assim possível reabrir uma cantina aos fins-de-semana, e a lavandaria estará de novo a funcionar em breve. A oferta de refeições no polo I, muito excedentária, está a ser ajustada à realidade. As regras de utilização das residências foram alteradas para atingir taxas de ocupação mais elevadas. O pessoal excedentário está a ser colocado em novas tarefas, em particular de prestação de serviços de limpeza e vigilância aos restantes setores da UC, e a actividade de fornecimento de refeições para eventos universitários foi fortemente reforçada, entre outras medidas. Esperamos este ano conseguir fechar as contas dos SASUC com equilíbrio entre receita e despesa. O Fundo de Ação Social foi reforçado este ano em 10%, em contraciclo com todo o envelope de financiamento da UC, pois reconhecemos que a crise exige mais apoio social. Para permitir todas estas mudanças foi feita uma reestruturação profunda da organização interna dos SASUC, sendo de realçar a energia da nova administradora na concretização de todas estas alterações, a Dra. Regina Bento. Quero deixar também uma palavra de reconhecimento pelo empenho do anterior administrador, o Dr. Jorge Gouveia Monteiro.

## Grandes investimentos

A reprogramação estratégica do QREN lançou dúvidas sobre muito dos investimentos que estavam programados pela UC e por outras instituições, não estando a situação ainda estabilizada. Quero neste momento apenas reafirmar que a Subunidade III da Faculdade de Medicina será completada, apesar da situação de falência do empreiteiro, que a recuperação da parte do Colégio da Graça que é pertença da UC será concluída, e que o Biomed será construído, embora possivelmente mais



devagar do que desejaríamos. A breve trecho divulgarei informação sobre outros projetos que ainda estamos a negociar – a Universidade continua a investir nas infraestruturas que abrigarão o seu futuro.

### Financiamento

Como é do conhecimento de todos, a UC sofreu grande cortes nas transferências do Orçamento de Estado em 2011 e 2012 mas, com muita contenção e colaboração de todos, espera fechar este ano com contas equilibradas. Para o conseguir foi feita uma alteração profunda da estrutura orçamental interna da UC, com criação de orçamentos individualizados para muitas atividades que antes se confundiam, o que dificultava muito a concretização de medidas de contenção. Foi também introduzido o princípio da solidariedade orçamental entre faculdades, em que aquelas com maiores disponibilidades transferem para as que enfrentam mais dificuldades montantes significativos, um movimento que devo aqui enfaticamente saudar.

É-me particularmente grato assinalar que, por aplicação da fórmula de financiamento definida no anterior governo e retomada pelo atual governo para o cálculo do orçamento do próximo ano, a Universidade de Coimbra é a universidade portuguesa que sofrerá o menor corte em 2013, assim se mantêm os valores de financiamento oriundos do Orçamento de Estado que já nos foram oficialmente comunicados. Este resultado muito positivo resulta da dinâmica que toda a UC conseguiu manter neste período recessivo, em particular na atração de estudantes brasileiros.

Aproveito ainda para manifestar uma grande preocupação para 2013, neste momento em que ainda não se conhece a proposta de Orçamento de Estado para esse ano. Anunciaram-se aumentos substanciais nas contribuições dos trabalhadores para a Segurança Social e para a Caixa Geral de Aposentações. Na função pública tal não deverá resultar, é-nos dito, em cortes adicionais no rendimento líquido, pois os salários brutos serão aumentados no correspondente a um dos subsídios, de férias ou natal, que está suspenso. Porém, como vai ser feito esse reforço do salário bruto? Os orçamentos das instituições vão ser reforçados no montante correspondente? E se o forem, serão compensados quer os salários pagos por Orçamento de Estado, quer os pagos por receitas próprias? Lembro que, quando foi suspenso o pagamento desses subsídios, nos foi retirado o montante correspondente a todos os salários, quer pagos por OE quer por receitas próprias.

Se não for feita esta compensação, isso equivaleria a um corte adicional de aproximadamente 10% na dotação do OE da UC, o que, digo desde já, é incomportável.

### [III - Considerações finais]

A atividade que acabo de descrever corresponde a uma universidade moderna, dinâmica, que tem na investigação de nível internacional o seu desígnio mais estratégico. Estamos a trilhar o caminho que nos leva a sermos a universidade portuguesa de maior qualidade, com um papel relevante no espaço europeu e, portanto, no mundo.

Coimbra é uma Universidade singular. Durante muitos séculos fomos a única universidade portuguesa. Somos o berço da própria língua portuguesa. Tivemos um papel decisivo na unidade do Brasil, no desenvolvimento de muita da ciência por trás das descobertas, fomos um ponto focal do renascimento, somos o modelo de tantas universidades, entre muitas outras influências que tivemos em Portugal e no mundo.

Todas essas influências fazem de Coimbra a única "marca" global de que Portugal dispõe a nível do ensino superior e do conhecimento avançado, reconhecida nas sete partidas do mundo. Esta circunstância tem um valor incalculável neste planeta em globalização acelerada, e a nossa posição

de liderança em Portugal na atração de alunos estrangeiros já mostra que, com muito trabalho, podemos retirar desse reconhecimento grandes vantagens. Apostando em Coimbra, Portugal pode ter uma oferta para o mundo.

Termino regressando à minha palavra inicial, o otimismo, para falar de outras razões para ele.

Primeiro, quero partilhar a alegria de a vice-reitora Clara Almeida Santos ter dado à luz uma menina há poucos dias. Penso ser inédito em Coimbra uma vice-reitora em exercício dar à luz, e é para mim um privilégio estar na equipa onde isso acontece pela primeira vez. A vida que se renova é sempre fonte de deslumbramento e renova-nos também a fé no futuro.

Segundo, quero dar pública nota do meu reconhecimento à mulher com quem casei e aos nossos filhos, que foram o meu precioso refúgio neste ano louco, de cortes insensatos e de regras que mudam todos os dias. Sem a força e o amor que me dão não aguentaria; sem ser para eles, sem ser para esta grande comunidade em que vivo, este esforço não faria sentido.

A vida é bela, e merece ser vivida, mesmo durante a tempestade. Venham os desafios!

Coimbra, 2012-09-19

João Gabriel Silva  
Reitor